“FALANDO SOBRE HISTÓRIA
ORAL” - ENTREVISTA COM O
PROFESSOR DR. ARNALDO
JOSÉ ZANGELM.

MAYCON EMILIO VICENTE ALVES
Universidade Federal de Ouro Preto
maycon.emilio94@gmail.com

RESUMO

A idealização dessa entrevista nasceu durante a participação em um minicurso ofertado pelo curso de História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), em maio de 2021. A proposta aqui estabelecida é promover um diálogo com um pesquisador especialista no tema sobre História Oral, visando contribuir com o debate a respeito dessa metodologia e seus desdobramentos.

Palavras-chave: História Oral; História; Metodologia; Memória.

“TALKING ABOUT ORAL
HISTORY” – INTERVIEW WITH
DR. ARNALDO JOSÉ ZANGELM.

MAYCON EMILIO VICENTE ALVES
Universidade Federal de Ouro Preto
maycon.emilio94@gmail.com

ABSTRACT

The idealization of this research was born during a participation in short course offered by Major on History of Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), in may of 2021. The proposal established here is to promote one dialogue with a reseacher specialist in Oral History, aim to contribute with the debate about this methodology and their unfoldings.

Keywords: Oral History; History; Methodology; Memory.

Pergunta 01: Arnaldo, muito obrigado por aceitar o convite para nossa conversa. É um prazer entrevistá-lo. Para começar o nosso papo, gostaria que nos falasse sobre o ponto de partida de seu envolvimento com a História Oral? E, enquanto pesquisador, o que te atrai neste modo de “fazer História”?

Arnaldo: Boa tarde! Eu que te agradeço pela oportunidade de conversar sobre um tema que eu gosto muito, que eu acho muito importante, que é a História Oral. Então, eu comecei a História Oral, a trabalhar com a História Oral, muito em função das pessoas que eu conheci ao longo da graduação, eu tinha já um interesse por Ciências Sociais, né! E tive contato com um professor, que hoje é muito meu amigo, o Paulo Grassino, hoje professor da UFPR. Ele era substituto no ICHS na época que fui estudante, e nas disciplinas ele era das Ciências Sociais. Eu estava interessado nessa área, né, já tinha me chamado atenção, fiz algumas disciplinas com ele, e ele trabalhava com História Oral e me apresentou a História Oral, e tivemos a ideia de estudar a história do Instituto em que ele trabalhava e eu estudava, o ICHS da UFOP, né! Então, para estudar esse Instituto, além de documentação escrita era interessante entrevistar pessoas que passaram por lá. Então a História Oral veio, para mim, tanto pelas pessoas com as quais eu me relacionei, outras pessoas também ligadas ao Paulo e que estavam estudando através dessa metodologia, e também pelo objeto, por ser pertinente para o objeto que eu estava olhando, relacionado mais com o presente, naquela época eram os últimos vinte anos da história do Instituto.

Interessante isso, como a gente tende a olhar para o passado e ver nossa trajetória meio em função do que a gente se tornou no futuro, né! Mas, como a nossa trajetória é influenciada por circunstância que nós não temos tanto controle, não determinamos, são circunstâncias, que não são tão determinadas por nossa vontade, ou por qualquer outra força que a gente possa determinar a priori. Porque a História Oral entrou, porque naquele momento do Instituto tinha um professor e algumas pessoas que estudavam... Talvez, se eu estudasse em qualquer outro momento, eu tivesse ido para outra área. Isso é um pouco para a gente entender como é um pouco das dinâmicas das biografias, como Bourdieu e Giovanni Levi mostram, elas têm suas incoerências, suas imprevisibilidades. Isso é muito legal! Para mim, fica claro quando olho minha própria trajetória, né!

Sobre a questão da atração, foi muito isso. Também, nessas entrevistas eu percebi que era muito interessante perceber como – eu entrevistei a maior parte de professores universitários, naquela época, né! – eles interpretaram o mundo e a trajetória, sua própria trajetória e a trajetória do Instituto e às vezes de forma diferente. Eu achei aquilo tão diverso, rico, tão interessante que percebi que através da interpretação dos sujeitos da História, era possível construir um Conhecimento Histórico, enquanto pesquisa, sobre determinados processos de uma forma muito rica e muito vinculada a atuação do sujeito, as escolhas que os sujeitos fazem. Isso para mim é interessante! Entender porque pessoas em determinadas circunstâncias faziam certas escolhas e outras não. Isso relacionado com as formas que elas interpretavam o mundo. Então, isso para mim, pareceu muito atrativo do ponto de vista da compreensão da História, da sociedade e das possibilidades do futuro. Quer dizer, a gente pensa um pouco sobre como a gente pode projetar um futuro melhor a partir dessas compressões.

Talvez, naquela época eu teria mais esperança nisso, né! Mas, eu acho que ainda é possível falar em a gente construir coisas positivas a partir do conhecimento que a gente busca e consegue em certa medida sobre o passado.

Pergunta 02: Em seu doutorado, você buscou compreender as ações de mediação – desenvolvidas entre militantes de movimentos sociais, trabalhadores rurais e seus adversários – nas ocupações de terra na região Nordeste de Minas Gerais (Brasil) durante as décadas de 1980 e 1990. Gostaria que nos contasse como a História Oral auxiliou em sua busca.

Arnaldo: Então, o doutorado ilustra bem aquilo que eu estava falando, porque quando eu busquei compreender as mediações nas ocupações era justamente isso que buscava compreender, como os atores, tanto as lideranças quanto a base dos Trabalhadores Rurais, como eles realizaram a suas escolhas. Por que eles optaram, com base em quais valores, com quais ideologias e diante das circunstâncias que eles foram enfrentando... Por que eles tomaram determinados caminhos e outros não. Como eles se relacionaram com os adversários, como eles relacionavam com os aliados. Aí como eles relacionavam, se relacionavam o espaço público, da opinião pública, né! Com o Estado, agentes do Estado... Então, compreender essa teia de significados e de relações de poder nas quais estavam inseridos e a partir da forma como eles enxergavam esses campos de disputa, se percebiam enquanto atores e realizavam as suas ações prevendo determinados resultados que nem sempre eram, que nem sempre acontecia o que eles estavam prevendo. Como eles lidavam com os caminhos aí, com as situações que apareciam para eles diante do universo de possibilidades que eles tinham. Então, deu para perceber como nas situações de sucesso das ocupações, das situações de fracasso, nas situações em que eles foram buscar outras regiões para atuar, como tudo isso foi sendo decidido ao longo do tempo, em meio ao processo de disputa que estavam vivendo, né. A forma como eles conseguia conciliar as ideologias políticas as quais eles tinham acesso, com a dinâmica do universo rural, com os interesses e as perspectivas dos trabalhadores rurais envolvidos e um tanto de outros atores que estavam envolvidos nessas disputas.

Nos estudos sobre os movimentos sociais, uma das coisas que é muito importante a gente entender é a motivação dos atores para entrar nos movimentos, para agir com mais ou menos radicalidade dentro dos movimentos, né. Para transformar o medo característico dessas situações de enfrentamento em indignação, em esperança. Aqui eu estou me referindo ao pensamento do Manuel Castells, que define essa questão da mudança entre o medo, da situação de apatia, de uma situação de engajamento baseado na indignação e na esperança de um mundo melhor, de transformação da sociedade para melhor. Isso não é algo dado, isso é uma construção que os movimentos sociais fazem e que a História Oral ajuda muito a compreender na medida que a gente pode questionar os próprios atores sobre as suas decisões.

Pergunta 03: Para você, a História Oral seria uma metodologia, uma disciplina, uma área ou isso tudo ao mesmo tempo?

Arnaldo: Para mim, a História Oral é uma metodologia. Eu acho que é um equívoco

comum as pessoas, muitas pessoas falarem “eu faço História Oral” ou “fulano faz História Oral” da mesma forma como se fala sobre a História Social, História Cultural. A História Oral da forma como eu entendo, ela é um conjunto de procedimento para a produção e uso de depoimentos orais. Então, é importante que a gente entenda tantas potencialidades quantos os limites disso, né. Esse equívoco é comum, dado ao próprio nome: História Oral, induz esse equívoco, dá impressão que se trata de uma disciplina, de uma área.

Um nome mais adequado, mas preciso, talvez, seria metodologia com fontes orais, mas o nome História Oral pegou e ficou conhecido, formou a identidade e eu acho que não deve mudar. Mas é importante a gente deixar claro o que a gente tá entendendo como História Oral e no meu caso é: esse conjunto de procedimentos para a realização de pesquisas baseadas na criação, através da relação entre entrevistador, entrevistado, dos depoimentos e de como trabalha com esses depoimentos como fontes. Então a História Oral não produz conceitos próprios, teorias próprias com uma disciplina, ela busca em outras áreas, outras disciplinas como a História, as Ciências Sociais. Então, de certa forma ela se serve dessas outras áreas para buscar conhecimento para aprofundamento das suas análises, né... Como o conceito de memória, por exemplo, que é o mais utilizado e também serve para diversas áreas porque a partir das pesquisas, dos desdobramentos metodológicos ela vai demandando novas interpretações, novos conceitos, novas teorias que são produzidas pelas áreas do conhecimento e não por ela em si, como qualquer metodologia.

Pergunta 04: A História Oral se difundiu, enquanto método para pesquisa em História e outras áreas de conhecimento, e hoje, é bastante reconhecida no Brasil como referência em núcleos de pesquisas em História Oral, como é o caso do Centro de Pesquisa e Documentação Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Todavia, sua implementação no Brasil não foi algo simples, correto? Gostaria que nos falasse como foi o princípio da História Oral em nosso país.

Arnaldo: Realmente a consolidação da História Oral como metodologia foi muito difícil, levou muito tempo, principalmente porque, especialmente na História, talvez não tanto nas Ciências Sociais aonde a História Oral também tem um papel fundamental, né, mas especialmente na História existia uma grande desconfiança em relação a essa metodologia em função das suas subjetividades, em decorrência da subjetividade das fontes, das entrevistas, dos depoimentos produzidos através da história oral. Argumentava-se, de uma forma muito equivocada que o depoimento não teria valor porque a memória do sujeito seria expressa e não os acontecimentos em si. Argumenta-se e argumentava-se mais no passado que o sujeito pode mentir. Esses são equívocos tão grandes pensar dessa forma, primeiro porque toda fonte tem a sua subjetividade, tem uma subjetividade. Para começar, na produção da fonte, ela é produzida por alguém com certos interesses e visões de mundo. Toda a fonte, inclusive as fontes escritas, as fotos e a própria seleção das fontes, o que vai ficar nos arquivos que, o que vai ser dispensado, isso também é subjetivo, assim como a subjetividade na escolha que o pesquisador faz de algumas fontes ou não.

Evidentemente, isso para mim não é um problema, a História Oral tem uma dupla subjetividade, porque ela é produzida pela relação entre entrevistador e o entrevistado, então

o pesquisador e o agente, o ator cujas relações sociais e históricas estão sendo pesquisados, eles são parceiros na construção desse depoimento. Diferentemente de outras fontes onde o pesquisador pode interpretar a fonte, mas ele não cria a fonte junto com o ator. Então a História Oral, sim, tem uma dupla subjetividade, no momento de produção da entrevista, do depoimento em História Oral, mas subjetividade, mais do que um problema, ela tem demonstrado que é uma grande vantagem na pesquisa, porque mais do que saber se as pessoas têm ou não, se as memórias das pessoas correspondem exatamente aos fatos ou não, o que é facilmente verificável pelo cruzamento de fontes com outros tipos de fonte, o que é benéfico para a pesquisa em História Oral. O importante tem sido mais do que saber sobre essas distorções ou supostas mentiras, saber porque as pessoas narram e interpretam certos acontecimentos e de certas formas. Por que as pessoas não interpretam de formas diferentes, diferentes entre si e diferentes do que a gente pode encontrar em outras fontes. Então, é aí que está a riqueza! Na produção dos discursos, das interpretações, das visões de mundo que envolvem os acontecimentos, as relações entre os diversos atores.

Pensando na trajetória da História Oral, ela começa muito em função da militância, né... Aquela ideia de História vista de baixo, História dos mais pobres, a História dos vencidos. Uma forma de trazer à tona o discurso desses indivíduos que tiveram as suas vozes negadas ao longo da História, que foi importantíssimo e ainda é importante. No entanto, a História Oral aos poucos, ao longo das décadas e principalmente da década de 70 pra cá, ela vai se consolidando como a metodologia aceita por estudo de diversos objetos da História e nas Ciências Sociais. Então, ela é importante para dar voz aos diversos grupos que têm as suas interpretações de mundo negadas, o que é importante para esses grupos e é importante para o conhecimento acadêmico, mas ela também foi além disso. Hoje a História Oral é benéfica para entender a dinâmica política, cultural, econômica e etc. de diversos grupos, de diversas posições na sociedade e não necessariamente para corrigir as injustiças. Simplesmente para conhecer, para pesquisas mais distantes desse engajamento, que foi uma das bases iniciais da História Oral.

Pergunta 05: Como você enxerga a relação entre História Oral, História do Tempo Presente e História Pública?

Arnaldo: Sobre a relação entre História Oral, História do Tempo Presente e História Pública, considero que tem tudo a ver, porque a História Oral está imersa nos problemas atuais. Inevitavelmente ela está imersa, que bom que ela está imersa nesses problemas, porque a História Oral, ela ajuda a entender o presente. Ela traz referências em comum com o que tá acontecendo nos processos mais atuais, ela tem uma mesma linguagem, ela permite que as pessoas dialoguem com base em uma mesma linguagem, em sentido amplo, inclusive, em linguagem política, linguagem cultural, os mesmos referenciais, os mesmos significados, onde possibilita uma maior comunicação, então, a História Oral, a princípio, já tem essa potencialidade para História do presente. E, em relação a História Pública é importante perceber como a História Oral pode aproximar a História da sociedade, porque ela mostra para as pessoas que elas são sujeitos na História, elas fazem parte, as decisões, elas percebem que elas juntamente a tantas outras que elas conhecem, elas são protagonistas de processos,

né... quer elas queiram ou não, muitas pessoas abrem mão de se pensar dessa forma. Mas, acho que a História Oral pergunta para o sujeito: O que ele fez? Como ele se relaciona para os processos? Aí ela estimula essa pessoa que está sendo entrevistada, sujeitos ditos comuns e outras pessoas como elas se percebem como agentes que interferem nos rumos e nos processos históricos em curso.

E essa aproximação permite que os problemas investigados pela História também se aproximem das suas necessidades, os problemas que a gente levanta nas nossas pesquisas muitas vezes estão distantes dos problemas reais das pessoas concretas, com as quais a gente convive. Então, abrir uma entrevista é abrir uma porta de mão dupla, pode-se ir e muita coisa vai voltar, você vai levar muita coisa e muita coisa vai ser trazida para você em uma entrevista. Então, ela sempre tem um grau de imprevisibilidade e isso é muito bom! O depoimento escapa o nosso controle, então o ator, aquele que é entrevistado, ele tem sua liberdade, é importante que a gente deixe isso claro, e que a gente estimule isso. Ele tem a liberdade de direcionar, em certos momentos, o depoimento para aquilo que acredita que é importante ser dito. E, as vezes, o pesquisador não estava prevendo aquilo, não estava preparado para isso, não estava no objeto de pesquisa dele, não era um problema para ele. E na medida que você faz uma entrevista você é, felizmente você é obrigado a colocar em discussão, questões que as pessoas reais, do mundo real, da realidade vivida no cotidiano trazem para você, e você vai ter que, de alguma forma, incorporar na sua investigação. Não tem como a gente negar isso. Isso também é uma grande riqueza e potencialidade da História Oral para gente levar a História para uma situação, uma condição de conhecimento mais próximo das pessoas, né... Tanto mais afinado com seus problemas cotidianos.

Pergunta 06: A partir do que fala Verena Alberti em “Histórias dentro da História”, a História Oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado. Gostaria que nos falasse um pouco mais sobre as potencialidades de trabalhar com a História Oral.

Arnaldo: Sobre essa frase da Verena Alberti “história dentro da história”, que a História Oral nos permite perceber, eu acredito que é muito importante, porque às vezes a gente não percebe como é a história mais ampla, aquela história que a gente tá acostumado a ler nos livros didáticos e nas pesquisas mais abrangentes, ela é feita e histórias mais específicas. A história dos indivíduos, a história dos grupos, como entender a lógica dos movimentos sociais no Brasil sem entender as lógicas específicas e dos movimentos sociais como o MST, o movimento sindical, como movimento de mulheres, o movimento LGBT, e tantos outros. E como entender sem entender as histórias dos indivíduos que estão inseridos nesse processo. Então eu acredito que essa fala é propícia na medida que ela chama atenção para gente olhar como situações específicas nos lançam luz sobre os processos mais amplos e muito nos fazem rever as nossas interpretações sobre os processos mais amplos. Nesse ponto específico, eu acredito que a História Oral se relaciona muito bem com a micro-história e são poucas as pesquisas que relacionam a história oral com micro história. Acho que esse é um campo, uma relação que a gente pode avançar muito porque a micro-história se dedica justamente

através da redução da escala de observação, da valorização das categorias dos atores e das suas estratégias, das suas racionalidades, e dos processos de decisão diante dos seus universos de possibilidade. Ao chamar atenção, ao investigar a fundo o “res do chão” como diz Revel, né, olhar de forma concreta os processos específicos, a História Oral nos possibilita um olhar diferente sobre os processos mais amplos. E isso para mim é muito importante e eu acho que é justamente nesse sentido que a história oral busca avançar. Acho que estudos que relacionem História Oral com micro-história têm muito a nos dizer ainda sobre os nossos processos históricos mais amplos e mais consolidados.

Pergunta 07: Professor, para você, por que a categoria memória é tão relevante para a História Oral?

Arnaldo: A memória enquanto categoria de análise, talvez seja a categoria mais importante para História Oral, porque por um lado ao compreender a produção do conhecimento através da História Oral e as possibilidades de uso dos depoimentos orais em determinadas pesquisas é possível a partir do entendimento sobre quais são as memórias em jogo. Então, o conceito de memória nos permite perceber e trabalhar com esses conhecimentos sobre como os grupos se lembram, como as pessoas se lembram e por que eles se lembram de determinada forma, quais relações de poder, quais características da dinâmica social fazem com que as pessoas se lembrem de determinados fatos e outros não. Lembre-se de determinadas formas e outras não e aí a História Oral precisa trabalhar com esse conceito para entender porque que o depoimento foi construído daquela forma, como que ele pode avançar e o que pode ser interpretado a partir dele. Por outro lado, a História Oral também contribui muito para que o conceito de memória se torne melhor, ela permite a partir das suas análises e pesquisas, a gente perceba cada vez mais novas informações sobre as formas como os grupos se lembram e os indivíduos se lembram. Então, ela sempre traz o material novo para que as disciplinas redimensionem seus conceitos. Então, aí tem vários que a gente pode citar, como a ideia de silêncio, por exemplo. É uma ideia que indica, que busca demonstrar como os grupos, as vezes as memórias se movem e influenciam a dinâmica histórica mesmo sem serem ditas explicitamente ou ditas apenas em pequenos grupos muito restritos, baseado em um pacto entre os indivíduos e grupos para que certas coisas não sejam faladas explicitamente. Eu acredito que isso é um exemplo de como a dinâmica da entrevista sobre situações traumáticas foi estimulando que áreas como a História e a Ciências Sociais tivesse que compreender melhor esses silêncios. Isso é um elemento fundamental para compreensão da memória, e esse é só um exemplo.

Última questão: Chegamos ao fim da nossa entrevista. Agradeço novamente por ter aceito o convite. Peço que fique à vontade para acrescentar informações e comentários.

Finalizando, quero te agradecer por essa oportunidade de a gente conversar, e estou à disposição para caso algum dos pontos ou outros que você quiser conversar mais ou precise de algum esclarecimento. Estou à disposição! Um abraço e tchau, tchau!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. Além das versões: possibilidades da narrativa em história oral. In: Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 71-90.
- _____. Manual de História oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. (Apresentação de Aspásia Camargo: “Quinze anos de história oral: documentação e metodologia”, p. 11-15, e Introdução, p. 17-25.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: Fontes Históricas. São Paulo: editora contexto, 2019.
- BLOCH, Marc. Apologia da história, ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.
- _____. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. P. 200- 212.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? Projeto História, São Paulo, n.14, fevereiro, 1997, pp. 25-39.
- THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. Projeto História, São Paulo, n. 15, abril, 1997, pp. 51-84